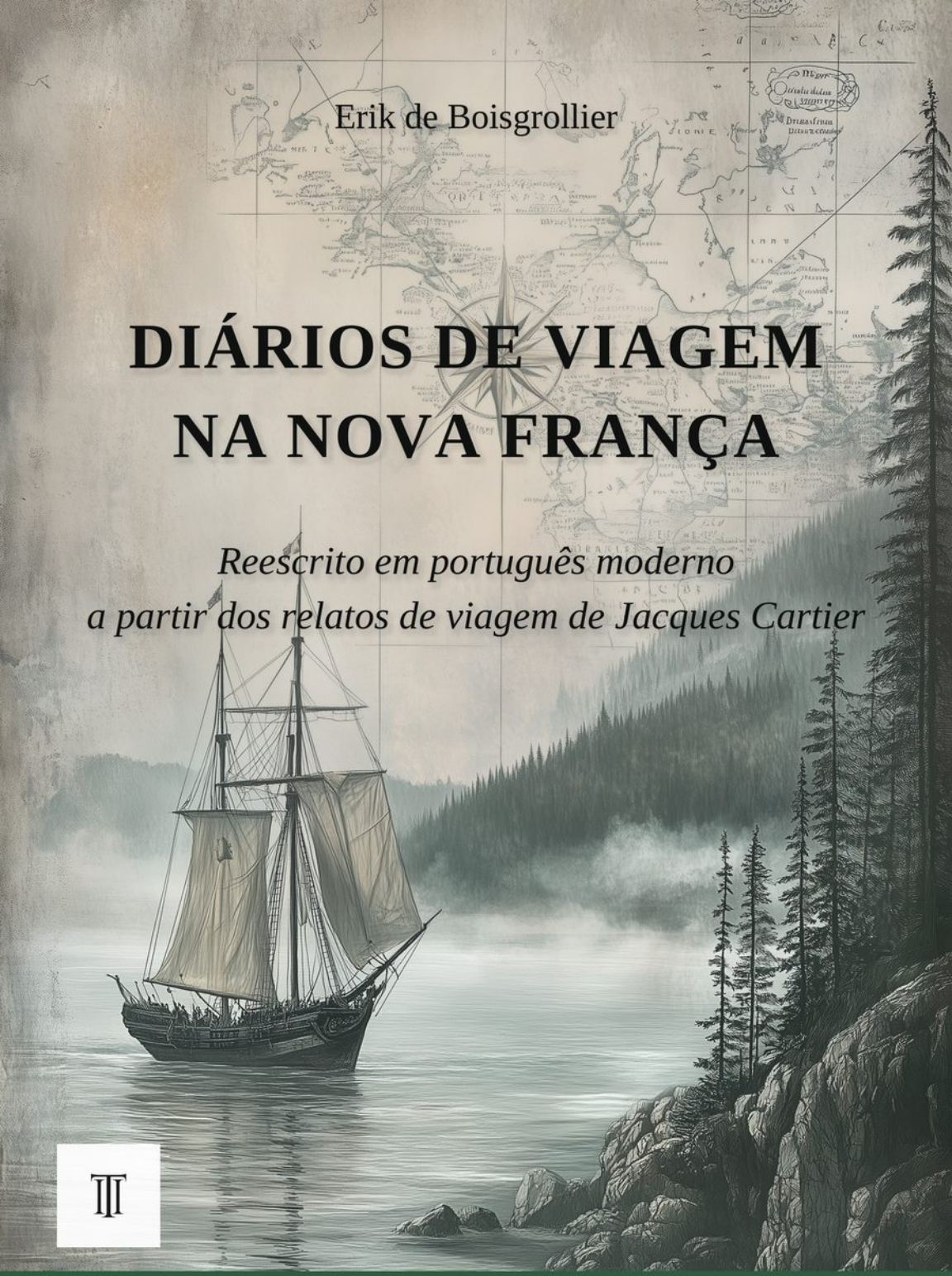
Erik de Boisgrollier

DIÁRIOS DE VIAGEM NA NOVA FRANÇA

Reescrito em português moderno
a partir dos relatos de viagem de Jacques Cartier



O primeiro europeu a ouvir a palavra "Canadá": três viagens, três encontros, um mundo em viragem.

A Caroline, Christian, Pia e Victor

Diários de Viagem na Nova França



Américas Selvagens

Diários de Viagens Esquecidas

Diários de Viagem na Nova França

Reescrita integral em português moderno dos relatos de viagem "Voyages au Canada (Relations de 1534, 1535-1536 et 1541-1542)" de Jacques Cartier, 1534-1542

Itinerarium Éditions, 2026

Ilustrações e capa: Erik de Boisgrollier
Mapas: Mapbox, © OpenStreetMap contributors
© 2026 Erik de Boisgrollier. Todos os direitos reservados.

O editor e o autor

Itinerarium Éditions

Milhares de extraordinários relatos de viagem dormem no domínio público, presos numa prosa que se tornou ilegível. Línguas arcaicas, expressões obsoletas, referências perdidas: estes textos já não encontram os seus leitores.

Itinerarium Éditions identifica os mais notáveis destes relatos e reescreve-os integralmente em língua contemporânea, respeitando a voz do autor original. O resultado: textos fiéis, fluidos, prontos para ebook, livro impresso e audiolivro.

Erik de Boisgrollier

Apaixonado por história e geografia desde sempre, Erik de Boisgrollier cresceu e viveu em França, Espanha e Austrália. Grande viajante, percorreu a Europa, a Ásia-Pacífico, a América do Norte e a América do Sul. Foi ao descobrir os relatos de Jacques Cartier e Nasir Khusraw que teve a ideia de dar uma segunda vida a estes textos esquecidos. Dirige a linha editorial da Itinerarium e trabalha principalmente nas coleções Américas Selvagens e O Velho Oriente.

Índice

Introdução 12
Capítulo 1: O juramento de Saint-Malo 18
Capítulo 2: Ilha dos Pássaros 21
Capítulo 3: A costa que Deus deu a Caim. 26
Capítulo 4: A Ilha de Bryon e a Baía de Chaleur 31
Capítulo 5: A cruz de Gaspé 41
Capítulo 6: A Bênção do Bispo 48
Capítulo 7: A Baía São Lourenço 53
Capítulo 8: Às Portas do Saguenay. 58
Capítulo 9: Donnacona, senhor de Stadaconé 65
Capítulo 10: Os três diabos de Cudragny. 70
Capítulo 11: Mont Royal. 76
Capítulo 12: O grande inverno 87
Capítulo 13: A Árvore da Vida 96
Capítulo 14: A traição do dia de Sainte-Croix 103
Capítulo 15: O regresso a Saint-Malo. 111
Capítulo 16: Roberval e os cinco navios. 116
Capítulo 17: Charlesbourg-Royal 122

Capítulo 18: No Limiar dos Saltos 125
Posfácio 133
Apêndice cartográfico 136
Glossário 144
Cronologia 148
Índice de lugares e pessoas 153
Leituras complementares 160
Excertos do texto original 165
Nota do editor 169

Introdução

Na manhã de 20 de abril de 1534, na catedral de Saint-Malo, um homem ergue a mão direita e jura, diante de Charles de Mouy, vice-almirante de França, servir bem e lealmente o rei no seu cargo. Chama-se Jacques Cartier. Tem quarenta e três anos, o rosto curtido dos pilotos que já viram o Brasil e talvez a Terra Nova, e atrás de si uma centena de homens que repetem o juramento, a mão sobre os Evangelhos. Lá fora, no porto estreito que serve de antecâmara ao oceano, dois navios de sessenta tonéis esperam a maré. É pouco, sessenta tonéis. É o equivalente a uma barca de pescadores bascos. Mas é tudo o que Francisco I consentiu para ir buscar, para além da Terra Nova, as ilhas de ouro e a passagem para a Ásia que espanhóis e portugueses já haviam repartido entre si pelas bulas de Alexandre VI.

O mundo, naquele ano, acaba de virar de rumo sem se aperceber. Cortés queimou os navios de Veracruz catorze anos antes. Pizarro estrangulou Atahualpa no verão anterior. Magalhães, morto nas Filipinas, provou que a terra girava. Enquanto isso, a França, que observou os ibéricos estriparem o continente austral com um ciúme cortês, decide enfim que precisa de uma parte do Novo Mundo.

Francisco I, saído vencido de Pavia mas fortalecido pela paz de Cambrai, escolhe para essa parte um maluíno sem título, filho de mercador, capitão de cabotagem. Não um fidalgo, não um cadete da nobreza. Um homem do cais, que sabe virar um navio na bruma e contar as suas braças na sonda. É assim, por esse emparelhamento modesto de uma coroa e de um piloto, que começa a presença francesa na América do Norte, com quarenta anos de atraso sobre Cristóvão Colombo.

Cartier voltará três vezes. Três viagens, três Relações, três atos de um mesmo drama. Na primeira, em 1534, descobre o golfo imenso onde deságua o grande rio, finca uma cruz de trinta pés em Gaspé e leva de volta a Saint-Malo dois jovens iroqueses, Taignoagny e Domagaya, filhos do senhor de Stadaconé, capturados sob o pretexto de uma troca amistosa. Na segunda, em 1535, sobe o São Lourenço até ao pé de uma colina que batiza de Mont Royal, contempla desse cume o lençol de água, as corredeiras, as aldeias paliçadas, os campos de milho, e compreende que tem diante dos olhos uma civilização inteira, camponesa e fortificada, cuja existência nenhum europeu suspeitara. Naquele inverno, diante do porto de Sainte-Croix, vinte e cinco dos seus homens morrem de escorbuto antes que Domagaya, o menino capturado no ano anterior, lhe revele a decocção da árvore annedda, que salva os sobreviventes. Na terceira viagem, em 1541, volta com cinco navios, colonos, um vice-rei chamado Roberval que tarda a alcançá-lo, e a ilusão de que as pedras que apanhou no Cap Rouge são diamantes e ouro. São apenas pirite e quartzo. O manuscrito interrompe-se em pleno inverno, sobre as palavras desoladas de um tradutor inglês: *the rest is wanting*. O resto falta.

E este diário traz em si o mal-entendido que fundará todo o encontro. Na baía de Chaleur, em julho de 1534, os micmacs acorrem ao longo da margem agitando peles, prontos a trocar. É o instante mais puro do relato: trocam-se facas, camisas, rosários, por peles, sem ter uma palavra em comum. Três semanas depois, em Gaspé, o mesmo capitão engana Donnacona, embarca os seus dois filhos sob o pretexto de que voltarão depressa, e parte. Voltarão, de facto, mas com uma promessa de amizade que será traída. Em 1536, o próprio Donnacona é raptado e morrerá em França. Em 1541, Agona, o seu sucessor, acolhe Cartier com sorrisos de fachada. O cenário repete-se: estende-se a mão, agarra-se o outro, diz-se que se voltará. Os povos do rio aprendem, viagem após viagem, que os rostos brancos não têm a mesma ideia da palavra dada.

A voz de Cartier, marinheiro maluíno, mais à vontade com uma rosa dos ventos do que com uma pena, alinha as coordenadas como um diário de bordo, batiza as ilhas com o santo do dia, inventa nomes que depois lhe serão tomados (a baía São Lourenço, o Mont Royal, o Canadá), e conserva, de uma ponta à outra, aquele frescor de olhar que faz a grandeza dos diários de viagem. Espanta-se com os alcatrazes, com os belugas brancos como o mármore, com o tabaco que se aspira pelas narinas, com as sepulturas suspensas nas árvores. Descreve sem julgar, ou quase, o que não era o hábito do seu século.

Que o leitor, pois, embarque por sua vez. Saint-Malo, 20 de abril de 1534, a alvorada. As escotas estalam. A maré vaza.



Retrato ilustrativo do capitão de Saint-Malo, em traje do século XVI, representando o explorador por volta de 1540, na época de suas grandes navegações.

O juramento de Saint-Malo



Em 20 de abril de 1534, no cais de pedra de Saint-Malo, o vice-almirante Charles de Mouy recebe o juramento dos capitães diante de duas pequenas caravelas de sessenta toneladas, sob um céu bretão encoberto.

A Ilha dos Apponaths



Em 21 de maio de 1534, na Ilha dos Pássaros, ao largo da Terra Nova, os marinheiros desembarcam entre as colônias de apponaths (os grandes pinguins hoje extintos, também chamados alcas-gigantes) e de margaux (os gansos-patola do norte) que cobrem os penhascos brancos varridos pelas ondas.

A costa que Deus deu a Caim



Junho de 1534. Os navios costeiam o litoral do Labrador, terras nuas e rochosas varridas pela névoa e pelas gaivotas, que Cartier considera tão desoladas que as compara à terra dada por Deus a Caim.

A troca na Baía de Chaleur



Julho de 1534. Na Baía de Chaleur, marinheiros franceses e micmaques trocam facas e ferragens por peles, com os Selvagens dançando de alegria e jogando água do mar sobre a própria cabeça.

Capítulo 1: O juramento de Saint-Malo

1534

O porto de Saint-Malo ainda ecoava os últimos adeuses quando messire Charles de Mouy, cavaleiro, senhor de la Meilleraye e vice-almirante de França, segundo do almirante na marinha do rei, subiu a bordo para recolher os nossos juramentos. Diante dele, o capitão, os mestres e todos os companheiros dos dois navios juraram, um após o outro, comportar-se bem e lealmente ao serviço do rei, sob o encargo que nos fora confiado. Ditas as palavras, nada mais nos prendia à terra de França.

Partimos no vigésimo dia de abril daquele ano de mil quinhentos e trinta e quatro, com os nossos dois navios de cerca de sessenta toneladas cada um. Cada um contava sessenta e um homens a bordo. O tempo foi-nos favorável, e navegámos direito para oeste. No décimo dia de maio, a Terra Nova ergueu-se diante de nós: tomámos terra no Cabo Bonavista, a quarenta e oito graus e meio de latitude.

Mas a grande quantidade de gelos que derivava ao longo desta costa fechou-nos a passagem. Tivemos de procurar abrigo num porto a que chamam Santa Catarina, a cerca de cinco léguas a sul-sudoeste do cabo, valendo cada légua uns quatro mil passos dos nossos. Aí ficámos dez dias inteiros, à espera do regresso do bom tempo e a pôr em ordem os nossos barcos. No vigésimo primeiro dia de maio, tendo-se levantado um vento de oeste, deixámos este porto e fomos levados para norte, um quarto de nordeste do Cabo Bonavista, até à Ilha dos Pássaros.

Esta ilha surgiu-nos toda cercada por um banco de gelos partidos, quebrados em mil pedaços que cingiam as suas margens. Não tem mais de uma légua de circuito, e no entanto ninguém acreditaria, sem o ver com os próprios olhos, na quantidade de aves que a cobrem. Dir-se-ia que as tinham amontoado à mão; e há ainda cem vezes mais delas a esvoaçar pelos ares e a flutuar na água em redor do que as que cabem na própria terra. Uma parte delas é grande como gansos, pretas e brancas, com o bico semelhante ao de um corvo. Estas nunca deixam o mar e não conseguem elevar-se no céu, pois têm apenas pequenas asas, não maiores do que metade de uma mão; mas com esses tocos nadam debaixo de água tão velozmente como as outras aves cortam o ar. E são de uma gordura tal que é maravilha. Chamamos-lhes apponaths (uma espécie de pinguim gigante, hoje extinta). Apesar do banco de gelos, os nossos dois barcos chegaram até à ilha e, em menos de meia hora, carregaram-se delas como se carregassem pedras. Cada um dos nossos navios fez salgar quatro ou cinco barricas, esses barris onde se conserva a carne no sal, sem contar as que comemos frescas.

Há também aí uma outra espécie de aves, mais pequenas, que andam no ar e na água, a que chamam godets (aparentadas com os airos): apertam-se e alojam-se na ilha

sob as maiores. Outras ainda, maiores, todas brancas, mantêm-se à parte numa zona da ilha; essas são muito difíceis de abordar, pois mordem como cães, e chamam-lhes margaux (aparentadas com os alcatrazes-do-norte). Embora a ilha esteja a catorze léguas da terra firme, os ursos atravessam a nado desde a grande terra para aí se fartarem destas aves. A nossa gente surpreendeu um, grande como uma vaca e branco como um cisne, que saltou ao mar diante deles e fugiu. No dia seguinte, que era o dia de Pentecostes, quando seguíamos rumo à terra, encontrámos de novo esse mesmo urso a meio caminho das águas, ganhando a costa tão depressa quanto nós navegávamos à vela. Assim que o avistámos, demos-lhe caça com os nossos barcos e apanhámo-lo à força. A sua carne era tão boa de comer como a de uma novilha de dois anos, uma vaca jovem que ainda não tivesse parido bezerro.

Na quarta-feira, vigésimo sétimo dia do mesmo mês, chegámos à entrada da Baía dos Castelos, esse estreito que separa a Terra Nova da terra do Labrador. O vento era-nos contrário e os gelos ainda numerosos. Fomos obrigados a entrar num porto próximo desta entrada, chamado o Rapont, onde ficámos encerrados sem poder sair até ao nono dia de junho. Nesse dia, partimos para seguir em frente, com a ajuda de Deus. O Rapont situa-se a cinquenta e um graus e meio de latitude.

Capítulo 2: Ilha dos Pássaros

1534

Ilha dos Pássaros

No décimo dia de junho, levámos os nossos navios ao porto de Brest para nos abastecermos de água e lenha. Aquela costa, eu já a conhecia bem. Do Cap Rouge até ao Degrat, a ponta que marca a entrada da baía, a terra corre de cabo em cabo, nor-nordeste e sul-sudoeste, orlada de um extremo ao outro por ilhas tão apertadas umas contra as outras que só se passa entre elas por estreitos canais. Isso proporciona, no entanto, bons portos. O Rapont e o Degrat ficam na mais alta destas ilhas, e do cume avistam-se as duas belas ilhas que ficam perto do Cap Rouge, a vinte e cinco léguas dali (cada légua, segundo o cálculo de Cartier, cerca de quatro quilómetros).

Quem quiser entrar no Rapont tem a escolha de duas passagens, uma a este, outra a sul. Mas que se guarde bem da ponta este: ali não há senão baixios e terra alagada. É preciso costear a ilha do lado oeste, a meio cabo da margem ou mais, e manter-se depois para o sul; e ter ainda cuidado com os três baixios que dormem sob a água no canal este, esses escolhos pouco profundos que rasgam um

casco sem que se vejam. O fundo ali é bom, três ou quatro braças (uma braça de Cartier equivale a cerca de 1,6 metros).

Uma vez equipados, dobrámos a baía. No dia de São Barnabé, que cai a onze, depois de ouvirmos missa, partimos em barcas para além do porto, rumo a oeste, para reconhecer que abrigos ali havia. Caminhámos no meio de ilhas tão numerosas que não se poderiam contar, que se estendem por quase dez léguas para além de Brest. Passámos a noite numa delas. O solo estava coberto de ovos, ovos de patas, essas fêmeas do pato, e de outras aves que ali nidificam aos milhares, e deles fizemos a nossa provisão. A estas ilhas chamámos Todas as Ilhas, por não as podermos nomear uma a uma.

No dia seguinte, o décimo segundo, avançámos mais longe. No extremo do arquipélago abria-se um bom porto a que chamámos Saint-Antoine. Uma légua ou duas mais além, um pequeno rio muito profundo internava-se para sul-sudoeste entre duas terras altas: mais um bom porto, onde plantámos uma cruz, dando-lhe o nome de Saint-Servan. A sudoeste, a cerca de uma légua, erguia-se um ilhéu redondo como um forno, cercado de outros mais pequenos, que serve de referência para reconhecer estes abrigos. Dez léguas mais adiante, encontrámos um rio maior, cheio de salmões, a que chamámos o rio Saint-Jacques.

Foi ali que avistámos um grande navio. Vinha de La Rochelle e passara toda a noite à procura do porto de Brest, para onde pensava ir pescar, já sem saber onde se encontrava. Fomos a bordo com as nossas barcas e conduzimo-lo a outro porto, a uma légua mais a oeste do que o rio Saint-Jacques. Este porto, tenho-o por um dos melhores do mundo; chamámos-lhe o porto Jacques-Cartier.

Se a terra valesse o que valem os portos, seria uma bênção. Mas está longe disso. Em vez de Terra Nova, devia chamar-se-lhe pedras e rochas medonhas e mal desbastadas. Em toda esta costa do norte, onde desembarquei em muitos lugares, não vi com que encher uma carroçada de boa terra. Salvo em Blanc-Sablon, nada mais do que musgo e pequenos bosques raquíticos. Em suma, considero que é a terra que Deus deu a Caim, a parte maldita e estéril do primeiro assassino.

Encontram-se ali, no entanto, pessoas de bastante boa compleição, mas ferozes, e Selvagens. Atam os cabelos no alto da cabeça à maneira de um molho de feno torcido, que apertam com um prego ou algo semelhante passado através, e nele espetam penas de aves. Homens e mulheres vestem-se de peles de animais; mas as mulheres andam mais cobertas, mais cingidas nas suas peles e apertadas pelo corpo. Pintam o corpo de cores curtidas, desse castanho-avermelhado que tem o couro. Têm barcas de casca de bétula com as quais vão ao mar e capturam grande quantidade de lobos marinhos, essas focas de que fazem o seu sustento. Ao vê-los, compreendi que não era ali a sua morada: vêm de terras mais quentes para esta caça e para as outras coisas que lhes são necessárias.

No décimo terceiro dia, estando o tempo bom, voltámos a bordo com as nossas barcas para aparelhar. No domingo, dia catorze, fizemos cantar a missa. Na segunda-feira, dia quinze, levantámos ferro para fora de Brest e pusemos rumo a sul, para reconhecer a terra que víamos do outro lado, para além de duas ilhas. Chegados perto do meio da baía, reconhecemos que era terra firme, apresentando um grande cabo duplo, um sobre o outro: por isso lhe chamámos o cabo Duplo. No meio da baía, sondámos a cem braças e encontrámos fundo de lodo; a cinco ou seis léguas,

quarenta braças. De Brest a este cabo, a travessia é de cerca de vinte léguas, e a terra corre nordeste e sul-sudoeste, um quarto ao norte e ao sul.

No dia seguinte, dezasseis do mês, costeámos para sudoeste, um quarto ao sul, por cerca de trinta e cinco léguas desde o cabo Duplo. As terras erguiam ali montanhas muito altas e assustadoras, recortadas e ocas; uma delas parecia um celeiro, e demos a este lugar o nome de Montes dos Celeiros. Entre estas alturas e o mar estendiam-se terras baixas. Todo esse dia, névoas e escuridão nos tinham escondido o resto da costa. Só ao anoitecer se abriu uma brecha na terra, como a entrada de um rio, entre os Montes dos Celeiros e um cabo que ficava a sul-sudoeste, a cerca de três léguas de nós.

Para quem quiser refazer este trajeto, eis como ele se conduz. Partindo da ponta do Degrat para entrar na baía, governa-se a oeste um quarto ao noroeste, e dobram-se duas ilhas que ficam a bombordo, do lado esquerdo quando se olha para a proa. A primeira está a três léguas da ponta; a segunda, plana e baixa, parece unida à terra firme e encontra-se a sete léguas da primeira: dei-lhe o nome de Sainte-Catherine. Que se lhe dê uma boa volta, pois a nordeste, a um quarto de légua, jazem recifes e maus fundos. De Sainte-Catherine ao porto dos Castelos há quinze léguas, nor-nordeste e sul-sudoeste; do porto dos Castelos ao porto dos Montículos, que é a terra do norte da baía, doze léguas e meia; e a duas léguas dos Montículos, o porto da Baleia. Através deste porto, a um terço da baía, sonda-se a trinta e oito braças, fundo de lodo.

Da Baleia, segue-se a oeste-sudoeste até Blanc-Sablon, guardando-se de um baixio que aflora a sudeste, e que de longe se tomaria por um barco. A três léguas ao largo abre-se uma enseada sem abrigo contra o sul nem o sudeste, e a sul-sudoeste desta enseada, duas ilhas: a ilha da Madeira e

a ilha dos Pássaros. Nesta última nidificam em grande número godets e richards, esses papagaios-do-mar de bico e patas vermelhas que escavam as suas tocas como coelhos. Passado um cabo a uma légua de Blanc-Sablon, encontra-se um porto e uma passagem chamados as Islettes, que valem mais do que Blanc-Sablon e onde a pesca é abundante. Das Islettes ao porto de Brest, na mesma direção, dez léguas. Brest situa-se a cinquenta e um graus, quarenta minutos e cinquenta e cinco segundos de latitude, no meio de ilhas; e ao longo da costa, a mais de três léguas ao largo, não há senão ilhas baixas por mais de doze léguas, por cima das quais se avistam as terras altas.

Capítulo 3: A costa que Deus deu a Caim

1534

A costa que Deus deu a Caim

O último cabo que deixávamos para trás estava todo corroído pelo alto, e por baixo afilava-se para o mar numa ponta que a ondulação batia sem tréguas; por essa razão chamámos-lhe Cabo Pontudo. A norte dele, a uma légua, uma ilha plana pousava a sua linha cinzenta sobre a água. Queríamos reconhecer esta entrada, ver se ali se escondia algum bom fundeadouro, algum porto onde abrigar-nos; por isso arriámos as velas e passámos ali a noite, à espera do dia.

Não veio como esperávamos. No dia seguinte, décimo sétimo dia de junho, o céu carregou-se de nordeste e caiu sobre nós em tormenta. Foi preciso pôr-nos ao pairo, correr e manter-nos à capa, essa manobra em que se reduz o pano para resistir ao vento sem já procurar avançar, o navio deitado e tenso contra o mar. A rajada empurrou-nos para sudoeste ao longo de trinta e sete léguas, até à manhã de quinta-feira, em que nos encontrámos ao largo de uma baía semeada de ilhas redondas. Estavam tão bem arredon-

dadas que, de longe, se tomariam por aqueles altos pombais de pedra que se erguem nos campos; chamámos-lhes por isso os Pombais, e à baía, Baía de São Julião. Dali, sete léguas mais para sul, um quarto a sudoeste, erguia-se um cabo a que chamámos Cabo Real; e a oeste-sudoeste deste, outro ainda, corroído por baixo e arredondado por cima, com uma ilha baixa a meia légua a norte. A esse chamámos Cabo de Latte. Entre os dois estendiam-se terras baixas, e por cima delas adivinhavam-se ao longe terras muito altas, sulcadas de fendas por onde pareciam correr rios.

A duas léguas do Cabo Real, a sonda deu-nos vinte braças de fundo (uma braça de Cartier equivale a cerca de 1,6 metros), e ali se abria a maior pescaria de bacalhaus grossos que se pode encontrar. À espera do nosso companheiro, que tardava em juntar-se a nós, lançámos as linhas para passar o tempo: em menos de uma hora, mais de cem bacalhaus estavam a bordo. O mar que nos negava um porto oferecia-nos isto, às mãos-cheias.

No dia seguinte, décimo oitavo dia, o vento voltou-se contra nós e soprava forte. Regressámos ao Cabo Real, na esperança de aí encontrar um abrigo, e lançámos as barcas à água para sondar a costa entre este cabo e o de Latte. Para lá das terras baixas abria-se uma grande baía, muito funda, semeada de ilhas; a sul, essas terras baixas fechavam-na e formavam um dos lados da entrada, fazendo o Cabo Real o outro. Mas essas terras baixas avançavam pelo mar mais de meia légua, planas e de mau fundo, e uma ilha erguia-se mesmo no meio da passagem. A baía situa-se a quarenta e oito graus e meio de latitude. Também nesse dia não encontrámos porto onde pousar, e foi preciso aguentar a noite ao largo, o rumo a oeste, o navio entregue ao mar.

Não foi caso de uma só noite. Desde esse dia até ao vigésimo terceiro, véspera de São João, fomos açoitados por tormenta, vento contrário e uma névoa tão espessa que nos enclausurava. Nem uma terra, nem uma referência. Foi preciso esperar pelo dia de monsenhor são João, vinte e quatro de junho, para que enfim aparecesse uma costa. Ficava-nos a sudeste; segundo a nossa estima, encontrava-se a umas trinta e cinco léguas a sudoeste do Cabo Real. O tempo mantinha-se brumoso e hostil, e não pudemos aproximar-nos. Mas, por ser o seu dia, demos a esse cabo entrevisto o nome de Cabo São João, e deixámo-lo para trás da bruma sem lá termos posto o pé.

No dia seguinte, vigésimo quinto dia, o tempo mantinha-se mau, escuro e ventoso. Corremos a oeste-noroeste parte do dia, e ao anoitecer pusemo-nos ao través até bem dentro da noite, antes de largar de novo, o vento passado a noroeste. Navegando então a sudoeste ao longo de quinze léguas, vimos surgir três ilhas. Duas delas, pequenas, erguiam-se direitas como muralhas, a pique, impossíveis de escalar; um canal estreito insinuava-se entre ambas. E todas estavam tão cheias de aves como um prado o está de erva: aninhavam-se até dentro das rochas. A maior estava toda branca de margaux, essas aves maiores do que gansos; outra tinha-os em igual número; a terceira fervilhava de godets, e ao pé desta havia ainda godets e grandes apponaths, semelhantes àqueles que já tínhamos massacrado na Ilha dos Pássaros. Descemos à mais pequena e matámos mais de mil; carregámos as barcas com tudo o que quisemos, e poder-se-iam encher trinta numa hora. A essas ilhas chamámos ilhas dos Margaux.

Cinco léguas mais para oeste, esperava-nos outra ilha, com cerca de duas léguas de comprimento e outro tanto de largura. Ali fizemos alto para passar a noite, a fim de fazer água e lenha. Estava orlada de areia, assente num belo

fundo onde se passava por toda a parte a seis e sete braças, e era a mais bela terra que ainda tínhamos visto: um único arpent (antiga medida agrária francesa, pouco menos de meio hectare) daquela valia, a meus olhos, mais do que toda a Terra Nova. Cobriam-na belas árvores, pradarias, campos de trigo selvagem, ervilhas em flor tão cerradas e tão belas como nunca as vi na Bretanha, a crer que um lavrador as tivesse semeado. Ali cresciam em abundância groselheiras, morangueiros e rosas vermelhas semelhantes às de Provins, salsa e outras boas ervas de perfume intenso. Por toda a volta rondavam grandes animais semelhantes a grandes bois, que trazem na boca dois dentes como presas de elefante e que vivem no mar. Um deles dormia em terra, à beira da água; empurrámos as barcas para tentar apanhá-lo, mas mal estávamos sobre ele quando se atirou às ondas e desapareceu. Vimos ali também ursos e raposas. A essa ilha chamámos Ilha de Bryon.

Nos arredores, grandes marés corriam para sudeste e noroeste, fortes, regulares. Pelo que vi, presumo que existe algum canal entre a Terra Nova e a terra dos Bretões, esse Cabo Bretão que os nossos pescadores já frequentam; e se a coisa se confirmasse no decurso desta viagem, seria um grande atalho, tanto em tempo como em caminho. A quatro léguas da ilha, um belo cabo fechava o horizonte: chamámos-lhe Cabo do Delfim, pois é ali que começam as boas terras.

No vigésimo sétimo dia de junho, costeámos essa orla, que corre este-nordeste e oeste-sudoeste. De longe, parece não ser senão dunas, de tão baixas e arenosas que são as suas terras. O vento vinha precisamente de lá, direito contra nós, e não pudemos abordar nem pôr pé em terra; contentámo-nos em segui-la ao longo de umas quinze léguas nesse dia.

No dia seguinte, costeámo-la mais dez léguas, até um cabo de terra vermelha todo corroído. Aquém dele abria-se uma enseada que se enfiava para norte, sobre um país plano onde um cordão de areia e pedras separava o mar de um charco. Desse cabo até outro havia quatro léguas: entre os dois, a terra formava um semicírculo orlado de areais dispostos como um fosso, e para além estendiam-se pântanos e charcos a perder de vista. Antes do primeiro cabo, duas pequenas ilhas apertavam-se contra a costa; a cinco léguas do segundo, para sudoeste, erguia-se solitária uma ilha muito alta e pontiaguda, a que chamámos Alezay. Ao primeiro cabo chamámos Cabo São Pedro, porque a ele chegámos no dia desse santo.

Desde a Ilha de Bryon até ali, o fundo mantivera-se de boa areia, e a sonda regular, que diminuía à medida que nos aproximávamos da terra: vinte e cinco braças a cinco léguas, doze a uma légua, seis bem perto da costa, sempre sobre um fundo limpo. Querendo reconhecer melhor estas paragens, arriámos as velas e pusemo-nos ao través, a derivar lentamente.

Depois, no penúltimo dia do mês, o vento passou a sul, um quarto a sudoeste. Corremos até terça-feira, último dia de junho, com o sol já alto, sem nada avistarmos da terra; mas, chegada a noite, ao pôr do sol, apareceu uma costa, que parecia formada por duas ilhas, a nove ou dez léguas para oeste-sudoeste. No dia seguinte fizemos rota a oeste durante todo o dia, umas quarenta léguas, e pelo caminho reconhecemos que essas duas ilhas não o eram: era uma só terra firme, que corria de sul-sudeste a norte-noroeste até um cabo muito belo. A esse chamámos Cabo de Orleães.

Capítulo 4: A Ilha de Bryon e a Baía de Chaleur

1534

A terra sem porto

Toda esta terra era baixa, uniforme, a mais bela que se possa ver, coberta de belas árvores e de pradarias. E, no entanto, à força de a costearmos, não encontrávamos porto: é terra baixa, plana, toda orlada de areais, onde em parte alguma o mar se aprofunda o bastante para abrigar um navio. Descemos em vários pontos com as nossas barcas, e entre outros num belo rio de pouco fundo. Ali avistámos barcas de Selvagens que o atravessavam de uma margem à outra; foi por causa delas que o chamámos rio das Barcas. Mas não tivemos deles nenhum outro conhecimento, pois o vento vinha do mar e carregava sobre a costa, e foi preciso retirarmo-nos à pressa para os nossos navios.

Seguimos rumo a nordeste até ao dia seguinte, sol a leste, primeiro dia de julho. A essa hora vieram as brumas e um tempo fechado; baixámos as velas até cerca das dez horas, tempo que o céu levou a clarear. Reconhecemos

então aquele cabo de Orléans, e um outro cabo que dele distava cerca de sete léguas para norte, um quarto para nordeste, ao qual chamámos cabo dos Selvagens. A nordeste deste, a meia légua, corre um recife e um banco de pedras muito perigoso, a evitar de longe.

Nesse cabo, um homem veio até nós, correndo ao longo da costa atrás das nossas barcas, e fazia-nos muitos sinais para voltarmos para terra. Vendo isto, começámos a remar em direção a ele; mas ele, vendo-nos regressar, pôs-se logo em fuga e correu à nossa frente. Descemos a terra diante dele e deixámos-lhe uma faca e um cinto de lã, colocados sobre um pau fincado bem à vista; depois regressámos aos nossos navios.

Nesse dia, costeámos esta terra por nove ou dez léguas, sempre à espera de um porto, e sempre sem o encontrar, pois, como já disse, é terra baixa e plana. Descemos em quatro pontos para ver as árvores, que são maravilhosamente belas e de grande odor. Reconhecemos cedros, teixos (estas árvores de folhagem sempre verde que dão pequenas bagas vermelhas), pinheiros, olmos brancos, freixos, salgueiros, e outras essências que não conhecíamos, todas árvores sem frutos. As terras despidas de mata são muito belas, todas cobertas de ervilhas, de groselheiras brancas e vermelhas, de morangos, de framboesas, e de um trigo selvagem semelhante ao centeio, que se diria semeado e lavrado por mão de homem. É uma terra da melhor temperatura que se possa ver, e de grande calor; vê-se ali grande quantidade de rolas, de pombos-torcazes, esses grandes pombos do bosque, e outras aves. Nada lhe falta, senão portos.

Fim do excerto

Acabou de ler as primeiras páginas de
Diários de Viagem na Nova França

O resto da viagem espera por si, em brochura e em ebook:

itinerarium-books.com/pt/livros/jacques-cartier-diarios-viagem-nova-franca/